

editorial

EXAGERADO!

É com muito prazer que divulgamos a sétima edição da revista **Outramargem**. O periódico vem cumprindo com excelência o seu propósito original, mas mais que isso, vem superando as expectativas desde o ano em que foi inaugurado, se aprimorando às exigências do trabalho reflexivo, ao atrair visibilidade nacional e internacional, haja vista as múltiplas contribuições de colaboradores de várias partes do país e do exterior.

É justamente esta superação da expectativa inicial que nos levou a constatar, sete edições depois, um *exagerado* salto qualitativo em relação ao modesto projeto, cujo objetivo primário era atender as demandas dos discentes da pós-graduação.

Exagerado é um adjetivo oriundo etimologicamente da palavra latina *exaggerare*, e remete, entre outros significados possíveis, ao ato de ampliar, aumentar ou enaltecer. É nesse sentido que aqui empregamos o termo, já que ser exagerado nos remete a desmedida e, assim, a falta de naturalidade.

Este número da revista **Outramargem** traz o “exagero” como seu atributo principal, na medida em que dilata os conceitos, reflete sobre eles e os amplia. O repertório desta edição comete um exagero contra a medida do senso comum e, vale dizer, a sua desmedida enaltece a reflexão, pois propõe uma desnaturalização do olhar diante de perspectivas que nos ajudam a pensar as interações filosóficas com seus desdobramentos conceituais, humanos, sociais e culturais.

Pensar de maneira ampliada, ou, se preferirmos, exagerada, alicerça os conceitos sobre os ombros da tradição filosófica e pode levar a uma dilatação conceitual e reflexiva quando diante da naturalidade limitada do cotidiano. O exagero do labor reflexivo, leva, por sua vez, a uma outra margem, para além daquela do realismo ingênuo, e este é o atrativo deste número. Vejamos o cardápio:

Iniciamos esta edição com o artigo *Intenção e liberdade: de Anselmo a Sartre*, de Brian Augusto de Sousa, desenvolvido na esteira do pensar sartreano, apontando dentro de uma perspectiva histórico-filosófica o desenvolvimento dos conceitos de intenção e liberdade, bem como a sua relação. Parte do modo como estes conceitos foram

tematizados na obra de Anselmo da Cantuária e, posteriormente, recuperados e reapropriados pela leitura de Sartre.

O artigo *O sofrimento como pathos em Simone Weil* de Denis Andre Bez Bueno busca esclarecer a noção de sofrimento enquanto *pathos* no escopo da filosofia weiliana. Para tanto, esclarecerá a participação da filósofa na condição operária, igualmente, em seu envolvimento com cristianismo e a experiência da graça, bem como do esclarecimento do conceito de *malheur* extremamente importante na construção do conceito weiliano de sofrimento.

O artigo de Fabrício Veliz *Da hermenêutica do texto à hermenêutica do Dasein: pensar o percurso hermenêutico até Heidegger* apresenta, a partir de uma pesquisa histórico-filosófica, o desenvolvimento do método hermenêutico pela tradição filosófica – de Agostinho, passando por Tomás de Aquino, Lutero, Schleiermacher, Dilthey e Heidegger –. O artigo considera a importância da passagem da hermenêutica de uma exegese textual para uma hermenêutica relacionada à compreensão da relação entre ser humano e mundo.

Ainda sob um viés heideggeriano, Felipe Maia da Silva com o seu artigo *Filosofia e ciência em Heidegger* propõe uma reflexão sobre a relação entre filosofia e ciência. Desenvolvendo uma reflexão acerca dos limites da ciência e o papel da filosofia enquanto fundamento ontológico para a ciência. Por fim, o artigo assume como tarefa pensar que modo a noção da diferença ontológica entre ser e ente sustentaria esta relação entre ciência e filosofia.

Partindo da perspectiva da filosofia social José Henrique Sousa Assai aponta em seu artigo *Filosofia social e potencial crítico-normativo: Práxis e emancipação no plano “mais IDH” (MA/Brasil)* o modo como o programa normativo da filosofia social relacionado a um viés social-ontológico se institui sob o fundamento político-social. Na perspectiva elaborada pelo autor, esta base político-social encontra-se vinculado a uma forma específica de instituição que influencia no plano de ação “Mais IDH” (MA/Brasil), cujo mote é a promoção da efetividade social’.

O artigo de Luana Alves dos Santos *O percurso de Wilhelm Meister pelo teatro: o dilema da forma e da formação* chama a atenção para o fato de que em função do abandono do universo teatral há um *transbordamento* da poesia dramática. Tal esvaziamento da poesia dramática – poética do trágico – na Alemanha, nas palavras da autora, coloca em questão o problema do romance no interior do próprio romance de Goethe, em consonância as discussões em volta de Shakespeare. Diante deste embate, o

artigo intenta em demonstrar o dilema da forma teatral e como este conflui para um possível ‘transbordamento da subjetividade frente ao espetáculo ao mesmo tempo em que o dilema da formação se dá pelo *ajustamento* do indivíduo à realidade social concreta’.

A seção “artigos” realiza seu fechamento no cenário da filosofia antiga, com o artigo de Marcos Roberto Damásio da Silva, intitulado *Protágoras e Górgias: sobre as reações ‘filosóficas’ socrático-platônicas*, que assume o intuito de tematizar o embate entre a filosofia dos sofistas - Protágoras e Górgias - e a filosofia platônica. Evidenciando, sobretudo, de que modo o surgimento dos sofistas contribuiu de forma direta para o desenvolvimento da vida cultural e política dos séculos V e IV a. C. Os temas da verdade e do relativismo, bem como da retórica também serão desenvolvidos no escopo do artigo, a fim de refletir sobre a importância que estes temas tiveram no desenvolvimento da filosofia destes ‘pensadores’.

Iniciamos o dossiê composto pelo resultado das pesquisas apresentadas no *II Encontro de Pesquisa em Filosofia da UFMG* na constelação da filosofia contemporânea. A pesquisadora Veronica de Souza Campos em seu artigo intitulado *A subjetividade está em outro lugar: sobre a noção sartreana de ipseidade fundamental* busca esclarecer a formulação sartreana sobre a questão “do eu”, pois, para Sartre este “eu” é algo que só faz parte das experiências reflexivas de um indivíduo, deste modo o artigo se articula em torno de algumas questões: aquilo que faz com que eu seja “eu mesmo” e que minhas experiências sejam minhas é algo que “faz parte de mim”? É uma *propriedade* de meu ser? É algo que pode ser acessado por mim em primeira-pessoa?

No artigo de Daniel Gilly, *O conceito de história natural a partir da obra de arte no período barroco em Benjamin e Adorno*, busca refletir a partir da relação entre natureza e história, a separabilidade destes conceitos na perspectiva crítica de ambos os filósofos. Pois, visa demonstrar que a natureza não existe mais para a humanidade enquanto uma realidade originária que deteria o privilégio daquilo que deve ser conhecido. Também é proposto neste artigo que aquilo que é produzido pela história se revela enquanto um elemento determinante de produção de natureza.

O artigo *Além do Mesmo: de uma ética da alteridade para uma ontologia situada* de Bruno Reikdal Lima assume como questão central a relação entre o Mesmo e o Outro, considerando, sobretudo, como Lévinas propõe uma alteridade absoluta, base da sua crítica à ontologia heideggeriana. E, em continuidade apresentará o deslocamento que Enrique Dussel faz desta crítica levinasiana, ao propor uma ética da alteridade ligada a uma ontologia situada prática e metodologicamente.

Já no artigo *Gaston Bachelard: sobre a mutabilidade da razão* de David Velanes é proposta, sob um viés epistemológico, a questão da descontinuidade da Razão a partir do problema da dinamicidade dos conceitos científicos. Como o autor descreve, a razão torna-se capaz de instituir perspectivas inéditas acerca do mundo e da realidade, e por isso ‘a razão causa revoluções’. Esta razão, fornecerá a base para compreender o racionalismo das ciências contemporânea enquanto um ‘*racionalismo construtor*’.

Alex Lara, no seu artigo *Identidade pessoal e nomes próprios*, lança mão da filosofia de Saul Kripke para analisar a importância do conceito de nomes próprios para a compreensão da identidade pessoal, a partir da teoria da referência kripkeana. Para tanto, é evidenciada as consequências desta teoria no horizonte da questão sobre a identidade pessoal que fora tematizada pelas teorias analíticas, entre outras.

Carlota Salgadinho Ferreira, no seu artigo *Malebranche e uma maior garantia epistémica para o sistema cartesiano*, busca apontar como a teologização da verdade proposta pela tese malebranchiana tornaria a teoria epistemológica cartesiana ‘mais imune à dúvida’. Desta maneira, a autora busca demonstrar as especificidades da teoria malebranchiana, diante do seu projeto de dar continuidade a proposta cartesiana de construção de um sistema de verdades como possibilidade de instituir um conhecimento verdadeiro e o estatuto ontológico do que pode ser conhecido.

Também dentro deste panorama sobre a questão do conhecimento temos o artigo de Rafael Bittencourt Santos intitulado de *O conhecimento sem a bondade de Deus: Hume sobre a razão humana*, com intuito de esclarecer o estatuto do naturalismo humiano. Segundo o autor, Hume reintegrou a relação entre o instinto e a razão - criticada por outras teorias epistemológicas, tal como a cartesiana. Para o filósofo, os princípios naturais constituiriam a razão na sua forma ‘saudável de operar’.

Sob o horizonte da filosofia política, Mateus Soares de Souza busca com o seu artigo *Método e totalidade em Georg Lukács: de história e consciência de classe à ontologia do ser social* evidenciar, no escopo da obra de Georg Lukács, a relação entre a noção de método e a categoria de totalidade, apontando, sobretudo, que há uma continuidade no modo como a noção de categoria aparece no corpo da obra do filósofo, embora, segundo o pesquisador, trata-se de uma ‘continuidade transformada’.

Por fim, nesta edição fomos agraciados com a resenha de Cláudia Franco Souza do livro de Ricardo Mantovani em que a filosofia de Pascal é tematizada e aproximada à filosofia ceticista. Bem como, com o trabalho de tradução de Alex Lara do texto voltairiano *Cegos que julgam as cores* (*Aveugles juges des couleurs*, 1766).

São estes o rol de atrativos que se apresentam como um menu de exageros em nosso variado cardápio!

Pela qualidade dos artigos e pela profundidade das reflexões ora propostas, trata-se mesmo de uma edição que nos remete a outra margem do pensamento com implicações e repertórios conceituais exagerados.

Não podemos deixar de agradecer aos colaboradores, pareceristas e organizadores por, de algum modo, serem partícipes deste aguardado momento.

E, a propósito disso, para os que acham que fomos exagerados nos exageros, é preciso dizer com Max Weber neste outro lado da margem: “exagerar é a nossa profissão”.

Com grande estima,
Jean Vargas e Karen França